

## O CONCEITO CONGRUÊNCIA EM ROGERS E ARISTÓTELES

André Reinhardt Rösler<sup>1</sup>; Gioggio Allix Almeida<sup>2</sup>; Mariana Waskow Radünz<sup>3</sup>;  
Thalita Gomes da Silva<sup>4</sup>; José Ricardo Kreutz<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andre\_rosler@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gioggioallix@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – marianaradunz@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – thalita.gomez@hotmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho que segue é um dos resultados das ações do Projeto de Ensino intitulado “Monitoria em Psicologia das Diferenças”, codificado na PRG com o nº 2082016, que tinha por objetivo acompanhar as produções dos acadêmicos matriculados na disciplina seguindo o rigor da reflexão filosófica exigida na interface entre o cotidiano de violação dos direitos humanos e os conceitos da diferença. O recorte específico desta interface pode ser descrita como sendo a escolha de um conceito, na disciplina de Seminário Integrador IV, que produza fronteira com outras disciplinas da própria psicologia, como também de outras disciplinas. De acordo com o objetivo da disciplina, escolhemos e integramos o conceito de *congruência*, postulado por Carl Rogers (1902-1987), com o filósofo grego Aristóteles (384 a.C - 322 a.C) na tentativa de expandir o conceito e propor uma viga ética que dê suporte as interpretações do conceito de *congruência*.

Através de longas discussões, várias questões pairaram sobre nossas cabeças, entretanto, nenhuma sobressaiu-se mais do que as desadaptações dos indivíduos e do sofrimento causado durante todo este processo.

Por este motivo, escolhemos o conceito de *congruência*, isto é, algo que possui semelhança ou equivalência de características. Nos indivíduos, tal conceito apresenta-se de suma importância, pois é no processo de tornar-se (vir-a-ser) que eles conseguem superar as adversidades que lhes proporciona sofrimento e desadaptação.

Do ponto de vista da etimologia, a palavra congruente tem origem no latim “congruens”, que vem de “congruere”, que significa reunir-se, combinar ou estar de acordo. Também pode significar algo que é apropriado ao fim a que se propõe, ou seja, algo adequado ou pertinente, além de harmônico ou coerente com outras partes de um todo ou conforme, concordante com as circunstâncias ou fatos.

Em suma, percebe-se que a palavra tem um viés racional, ligando-se à matemática e à lógica, sendo ainda uma concordância da vontade do indivíduo e ação dele no mundo. Assim, entendemos que o conceito de *congruência* parece estar conectado a esfera ética, já que, para tornar-se congruente, o indivíduo precisa agir no mundo sem que a integridade física e psicológica dos outros sejam colocados em risco. Ao longo da primeira parte do texto, pretendemos buscar um tipo de ética racional, cuja estrutura tem como objetivo um fim eudemonista<sup>1</sup> e ético.

<sup>1</sup> EUDEMONISMO (in. Eudemism, fr. Eudé- monism; ai. Eudümonismus; it. Eudemonismó). Qualquer doutrina que assuma a felicidade como princípio e fundamento da vida moral. São eudemonistas, nesse sentido, a ética de Aristóteles, a ética dos estoicos e dos neoplatônicos, a ética do empirismo inglês e do Iluminismo. Kant acredita que o E. seja o ponto de vista do

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para reflexão consiste, primeiramente, em uma análise genealógica do conceito de *congruência*. Posteriormente, relacionamos este conceito (racional) com a Ética a Nicômaco (350 a.c) e o modelo terapêutico proposto por Carl Rogers (1902-1987).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1. RELAÇÃO DO CONCEITO DE CONGRUÊNCIA COM PSICOLOGIA E A ÉTICA

Partindo desta via racional da etimologia da palavra *congruência*, percebemos que para superar as tensões, ansiedades e confusões internas oriundas da incongruência, o indivíduo precisa ser livre e vivenciar abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo dentro de si. Entretanto, expressar-se (práxis<sup>2</sup>), sem qualquer tipo de vinculação e compressão do mesmo, parece um tanto quanto inviável em decorrência das leis, morais e instituições que regem o mundo contemporâneo. Dessa forma, um ponto mediano precisa existir entre aquilo que o indivíduo deseja e aquilo que lhe é permitido dentro desses mecanismos institucionais e sociais citados anteriormente. De forma semelhante parecem ocorrer nos processos de saciação física. Por exemplo, quando nos alimentamos de maneira correta, não comemos em excesso nem em falta. Buscamos um ponto de equilíbrio para obtermos a saciedade relativa a nós e as circunstâncias. Igualmente, Aristóteles postula este equilíbrio na definição de virtude:

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo (ARISTÓTELES, 1979, p. 73).

As paixões (páthos) são vistos pelo filósofo grego como aquilo que move, que impulsiona o homem para a ação (práxis). O homem que possui a capacidade de dominar suas paixões e escolher agir bem é considerado virtuoso ou bom. Ao passo que aquele que se deixa levar somente pelas paixões internas é vicioso (kakós) ou moralmente mal<sup>3</sup>. Sendo assim, um ponto de partida viável para agir congruentemente no mundo estaria na escolha deliberativa, levando-se em conta

---

egoísmo (v.) moral, ou seja, da doutrina "de quem restringe todos os fins a si mesmo e nada vê de útil fora do que lhe interessa" (Antr., I, § 2). Mas esse conceito de E. é demasiado restrito, pois no mundo moderno, a partir de Hume, a noção de felicidade tem significado social, não coincidindo portanto com egoísmo ou egocentrismo (v. FELICIDADE); (ABBAGNANO, 2007, Pag, 391).

<sup>2</sup> Agir

<sup>3</sup> "... nem toda ação e paixão admite um meio-termo, pois algumas têm nomes que já de si mesmos implicam maldade, como o despeito, o despudor, a inveja, e, no campo das ações, o adultério, o furto, o assassinio. Todas essas coisas e outras semelhantes implicam, nos próprios nomes, que são más em si mesmas, e não o seu excesso ou deficiência. Nelas jamais pode haver retidão, mas unicamente o erro". (ARISTÓTELES, 1979, p. 73)

os desejos, os valores assumidos socialmente (auto-revisados constantemente) e as circunstâncias em ação se insere.

Desta maneira, a responsabilidade da melhor escolha, isto é, a escolha prudente e mediana recairia totalmente sobre o agente deliberativo neste processo ético. De outra forma, poderíamos estar assumindo o pressuposto que os estupradores o e atirador de Orlando<sup>4</sup> tornaram-se congruentes após os atos praticados por eles.

### 3.2. ROGERS

Rogers aborda o conceito de *congruência* como mecanismo de “equilíbrio dinâmico” do *Self*, em outras palavras, a busca constante de construir para si um equilíbrio. O autor postula que a *congruência* é inerente ao sujeito nas primeiras fases da sua vida e as incongruências seriam as interferências que obscurecem ou dificultam o julgamento do sujeito na relação com o outro durante seu processo de desenvolvimento.

Para que os indivíduos desenvolvam a sua personalidade dentro de suas capacidades, é necessário o equilíbrio entre estas duas forças. Pessoas congruentes são capazes de se autorrealizar, de se estabelecer de forma adaptável em seu contexto social. Já pessoas incongruentes permanecem frustradas e desadaptadas produzindo em si diversos conflitos.

Para Rogers estar congruente é a característica do equilíbrio na vida num sentido mais direcionado, que envolve estar cada vez mais próximo do seu *Self* ideal. Em outras palavras, quanto mais congruente com sua personalidade ideal, melhor.

O ponto final do desenvolvimento da personalidade como sendo uma congruência básica [...] da experiência e a estrutura conceitual do *self* [...] significaria a liberdade de tensões internas, ansiedades e tensões potenciais; representaria o máximo em termos de adaptação realisticamente orientada; significaria o estabelecimento de um sistema de valores individualizado, bastante semelhante ao sistema de valores de qualquer outro membro igualmente bem-ajustado da raça humana (ROGERS, 1992, p. 604).

Nesta última frase, fica uma abertura na interpretação que supõe que estar congruente é ser a si mesmo, logo, se o sujeito for essencialmente um pedófilo, isso não seria algo correto? Pois este estaria congruente com seus impulsos sexuais desta maneira. Homens bomba, por exemplo, não estariam congruentes ao realizarem a tarefa mais nobre de sua vida, sendo totalmente coerentes com sua comunidade e com seus desejos e aspirações para a vida e para a vida após a morte?

Os exemplos citados anteriormente ilustram a predominância das/dos paixões/emoções/desejos sobre o pensamento racional<sup>5</sup>. Desta forma, se incluirmos *proáriesis*<sup>6</sup> junto ao conceito, separamos características irracionais<sup>7</sup> do sujeito, que desafiam a ética e causam sofrimento, das características racionais,

<sup>4</sup> Omar Mir Seddique Mateen (1986-2006)

<sup>5</sup> Aqui não pretendemos separar a razão da emoção, mas sim salientar a ditadura imposta pelas emoções sobre o raciocínio lógico e à empatia.

<sup>6</sup> Escolha deliberada.

<sup>7</sup> Controle da emoção sobre a razão e à empatia.

e, assim, iremos pensar o indivíduo congruente apenas em suas características racionais, ou seja, o conceito vai abarcar apenas aquilo que o sujeito tem a possibilidade de deliberar.

#### 4. CONCLUSÕES

A etimologia da palavra *congruência*, considerada em termos racionais aristotélicos, pode tornar-se uma boa interpretação da Teoria Rogeriana, sendo um suporte extra que reafirma a congruência na razão, resolvendo assim confusões internas provenientes das incongruências possibilitadas pelo conceito em si, dando ao terapeuta uma visão mais acolhedora e ao mesmo tempo posicionada em relação à postura terapêutica.

Além disso, a ética de Aristóteles colocará no sujeito a responsabilidade de tornar-se, alinhando-se à teoria rogeriana sem que recaia nos ombros do terapeuta todo o processo de guiar o cliente até (o mais próximo possível do) seu *Self* ideal. Assim, recairá sobre o indivíduo a atuação congruente no seu contexto, dando-se autonomia ao sujeito esclarecido pela noção de suas vontades no curso da tomada de decisões.

Ao buscarmos o equilíbrio entre a compreensão daquilo que é incomum quanto daquilo que é comum em si mesmo, obtemos a saciedade relativa às circunstâncias. O humano é capaz de dominar suas paixões e escolher agir empaticamente, sem necessariamente se tornar incongruente, mas, para isso, ele deve ser capaz de compreender suas irracionalidades, como aquilo que o limita na convivência com os outros, buscando a congruência racional do seu *Self*.

Este processo em si já é uma forma de *congruência*, pois tenta equiparar a irracionalidade e rationalidade do sujeito para deliberar de acordo com elas, “entregando assim o timo para o capitão do navio”. Para que o sujeito se adapte ao convívio social com sucesso, é necessário que ele se adapte primeiro ao convívio consigo mesmo. Por fim, vale considerar que o humano e sua sociedade padecem do *de vir* eterno, logo, leis e valores morais são também passíveis neste processo. Entretanto, a ética se adapta, sobrevive ao tempo e à moral, tornando-se uma boa ferramenta para manter-se congruente com o mundo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1973.
- Dicionário Etimológico, 2016. **Origem da palavra congruência** Disponível em <http://origemdapalavra.com.br/site/>; acessado em 01/06/2013.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich, **Assim falou Zarathustra** (tradução de Mário da Silva). São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.
- PLATÃO. **Diálogos: O Banquete – Fédon – Sofista – Político** (Coleção os Pensadores). 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ROGERS, C. **A terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WILLIAMS, B. **Uma introdução à ética**. Trad. Remo Manarino Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.